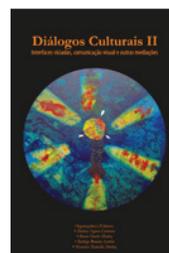


Imagens: Lugar de conflito

Maria Lucia de Paiva Jacobini

CONTRERA, Malena; MUÑOZ, Bruno Onetto; SARTORI, Rodrigo Browne; MUÑOZ, Maurício Mancilla (orgs.) (2008). *Diálogos Culturais II – Interfaces viciadas, comunicação visual e outras mediações*. São José do Rio Preto, SP: Bluecom Comunicação. 256p.



Resumo: A partir dos quatro eixos de discussão propostos no livro, esta resenha apresenta como cada autor avança sobre a imagem como possível local para existência do conflito nos meios de comunicação. Primeiramente descrita como interface da cultura e da sociedade, a imagem também é discutida como presente na relação entre a realidade e os meios como parte da criação de uma percepção sobre a história e a cultura. Em seguida, é discutido o pensamento sobre a ontologia das imagens para depois discutir a possibilidade de formação de conhecimento e, portanto, do questionamento que diminui a passividade diante do excesso imagético.

Palavras-chave: Imagens, Meios de Comunicação, Conhecimento, Realidade.

Abstract: *Images: A place of conflict.* Based on the four lines of discussion proposed in the book, this review explains how each author discusses the image as a possible place for the existence of conflict in communication media. Initially presented as the interface between culture and society, the image is also discussed as it exists in the relationship between reality and the media, as part of the creation of perception about history and culture. The discussion then shifts to the current thinking about the ontology of images and the possibility of the formation of knowledge, and hence, of the questioning that reduces passivity in face of excessive images.

Keywords: Images, Communication Media, Knowledge, Reality.

Pensar os temas relacionados à crescente presença das imagens midiáticas na sociedade significa refletir sobre os impactos inevitáveis dos meios de comunicação na cultura. Contudo, a proposta do livro *Diálogos Culturais II* é de ir além e entender que existe uma outra perspectiva que contém a ideia de conflito, que é a perspectiva da América Latina.

A estrutura do livro remete ao constante diálogo entre os pensadores que vivenciam e pensam o continente com outros olhares e questionam os próprios paradigmas do pensamento, usualmente externos. Estes, ao pertencerem a outros contextos, raramente conseguem dar conta da complexidade e da diversidade de relações que são construídas a partir dos meios de comunicação e a exposição contínua das imagens.

Dividido em quatro partes, elaboradas a partir das mesas que ocorreram no encontro na Universidade Austral do Chile em outubro de 2007, o livro percorre um caminho permeado pela presença da imagem. Uma presença percebida de forma crítica, compondo um alerta sobre os excessos que podem ocorrer quando se enfatiza ou se valoriza demais a sua importância nos meios de comunicação, ou quando se tenta retirar dela todo seu poder de conflito.

Logo de início, Contrera reflete sobre a criação dos não-lugares, pela qual o mundo ciber, ou cibermundo, não tem lugar, tanto territorial quanto corporal: há o não-lugar, o não-corpo. A proposta da autora é de que hoje a busca pelo virtual acontece em detrimento do espaço físico, com efeitos sobre o corpo, de deslocamento e constante isolamento. Explica: “ter acesso às redes de comunicação não garante a ninguém a capacidade de se comunicar, ou sequer assegura a qualificação das condições das comunicações” (2008, p. 31-32).

Tal criação do não-lugar e da sobrepresença do midiático foi percebida por Hernández como um dos motivos pelos quais os atentados do 11 de setembro, em Nova York, aconteceram: a escolha pelo horário, pela possibilidade de audiência e alcance do material registrado incessantemente e consumido como produto estético. Mas é preciso ressaltar, como produto estético da violência, da vulgaridade e do imediatismo que só poderia acontecer na sociedade do espetáculo visual que caracteriza a sociedade midiática atual.

É recorrente o aspecto de que todo esse excesso tem como resultado certa perda da capacidade de se perceber a realidade, entendê-la, analisá-la com calma. Por exemplo, quando Longhi propõe recuperar o contexto da ditadura militar brasileira, está propondo uma revisão da relação entre o Estado e o uso dos meios de comunicação, relação complementar intrincada e que revela os usos que foram (e ainda são) feitos do discurso jornalístico.

E o estudo do contexto é que possibilita a revisão de aspectos que hoje são considerados tão comuns, como da objetividade jornalística e da importância da técnica para a produção cultural. A consequência é a despolitização dos conteúdos, a formação de um cidadão passivo (mais uma vez, deslocado) e inerte diante do entretenimento. É por isso que a autora conclui que no referido período “as empresas jornalísticas e profissionais da área compactuavam quanto ao modelo de sociedade sugerido e quanto às diretrizes econômicas indicadas como projeto” (2008, p. 89).

De uma maneira crítica semelhante, o artigo de Cangas trata do caso da formação da cultura jovem chilena e da afirmação de uma imagem social específica do país como reflexo da capacidade de formação da realidade social a partir dos meios de comunicação.

A escassez de pensamentos sobre a compreensão da cultura jovem na América Latina

faz com que as teorias utilizadas sejam transportadas de outros contextos e as mudanças sociais que ocorrem muitas vezes também são formadas a partir de uma esfera simbólica externa. Assim, quando o autor recorre à contextualização para entender a dificuldade de compreensão do país quanto à cultura dos jovens, constrói uma discussão sobre a transnacionalização do mercado simbólico e a reprodução de imagens, ou “abdução”, de culturas completamente alheias.

Dáí é possível partir para o próximo artigo, que discute exatamente o poder de sedução da imagem. Baitello, na tentativa de construir uma ciência da imagem, procura visões não reducionistas que percebam seus conflitos e sua capacidade contínua de conservar e transmitir símbolos que continuam presentes nas culturas, numa espécie de “pós-vida nos símbolos”.

Talvez somente consigamos nos desviar de sua onipresente perseguição se entendermos buscar suas raízes, sua força advinda de sua ‘vida póstuma’, sua permanência como símbolo e energia. Talvez a única forma de compreender e conviver com a força das imagens elétricas na mídia contemporânea seja, portanto, com Warburg, Flusser, Kamper, Belting negociar diretamente com seus fantasmas, como fez Fausto com Mefistófoles. (2008, p. 155)

De uma forma geral, tanto os artigos citados acima, como os demais que compõem a coletânea do livro, em muito tratam da imagem com crescente papel de dispositivo de mediação, exatamente como deixa claro Muñoz ao apresentar que a imagem é a reprodução de algo e também o substitui. Nem como pura referência, nem como pura substituição. E mais, a imagem não só apresenta a realidade, mas a executa e inevitavelmente a interpreta.

Conforme o autor, a parte da verdade da imagem é mínima, “é uma produção histórica com um significado e uma consistência que apresenta, por sua vez, outros acontecimentos históricos que são as interpretações e que propõe, portanto, o problema da mediação entre estes mundos diferentes” (p.170).

Contudo, é a última parte que faz a conexão entre as interpretações e o uso das imagens como processo de conhecimento. É desta forma que é discutido o uso dos meios e tecnologias de informação, no caso a chamada web 2.0, na educação como forma de ampliação do acesso ao conhecimento e os autores ressaltam o perigo que existe na criação de “não-lugares”, especialmente na sala de aula, pois é preciso que o usuário seja quem busque a tecnologia que melhor satisfaça suas necessidades e interesses, jamais o contrário.

Justamente porque a formação do conhecimento envolve uma relação com o entorno, e não o fechamento na realidade virtual, Figueiroa avalia que é necessário evitar que o observador se torne mero observador passivo diante do excesso de informação. Numa visão que percebe bem o funcionamento da cultura latinoamericana, o autor destaca que a comunicação implica na coordenação entre sistemas, numa relação que não é nada linear entre os emissores e receptor: os meios de comunicação são produtos da cultura, e não um subsistema dela.

A velocidade permitida pelas novas técnicas dos meios de comunicação interfere na quantidade de imagens às quais temos acesso, mas o problema principal em torno disto não é a quantidade, mas a falta de capacidade e interesse na reflexão. Assim, a partir do que foi proposto pelos autores, a nova imagem é cada vez mais fácil de ser recebida, mas é diante do excesso de informação e sua falsa relação com a realidade de cada sociedade que a discussão a partir da América Latina apresenta novas possibilidades de conflito, diálogo e crítica para evitar a passividade do mundo virtual.

MARIA LUCIA DE PAIVA JACOBINI é economista, jornalista, especialista em Jornalismo Científico pelo Labjor/Unicamp, mestre com bolsa CNPq e doutoranda do curso de Comunicação e Semiótica da PUC/SP.

E-mail: mlpjacobini@yahoo.com.br